



O DESPERTAR

BOLETIM RELIGIOSO DA IGREJA LUSITANA

Director — L. DE FIGUEIREDO — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Redactores — A. FERREIRA ARBIOL — Rua do Cativo, 6 — Porto

SAUL DE SOUSA — Trav. do Quebra Costas, 12, 1/2-Esq. — Vila F. de Xira

Redactor correspondente — OCTACILIO M. DA COSTA — C. P. N.º 275, Petrópolis, Rio de Janeiro-Brasil

ADMINISTRAÇÃO — Secretaria Administrativa da Igreja Lusitana — Rua 1.º de Maio, 54, 2.º — V. N. de Gaia

Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. — Vila Franca de Xira

O que nos falta

Revmo. Bispo-Eleito Dr. Luís Rodrigues Pereira

O facto da Igreja Lusitana ser dos ramos da Igreja de Deus bastante destituídos de bens materiais, não nos livra do perigo de cairmos no erro da Igreja de Laodiceia — «somos ricos, estamos enriquecidos, de nada temos falta» (Apoc. 3: 17).

Claro que devemos dar muitas graças a Deus pelo que possuímos: Fé católica íntegra, livre «de acréscimos corruptos e de mutilações heréticas», Ministério Apostólico em continuidade histórica e sacramental com o da Igreja primitiva, liturgia digna e equilibrada, consciência crescente do que somos e do que temos para dar.

Devemos, porém, com toda a honestidade, reconhecer que sofremos de graves deficiências, que urge remediar a todo o custo, sob risco de ficarem desaproveitadas, em grande parte, as nossas riquezas espirituais.

Duas das nossas carências mais importantes, são, a meu ver, maior espírito missionário e piedade individual mais profunda.

Falta-nos espírito missionário! Nestes últimos dez anos, por exemplo, quantas novas missões abriram as nossas nove Paróquias? Duas apenas, e na mesma Paróquia. Dum modo geral houve certo progresso no número de membros comungantes, mas nada do que seria de esperar para as nossas possibilidades, e acima de tudo, nada que possa deixar tranquilas as nossas consciências.

Dir-nos-ão que não há obreiros, mas dar tal motivo é ter uma ideia errada da questão. Nosso Senhor não nos ensinou a pedir searas para os nossos obreiros, mas sim obreiros para as searas que reconhecemos existirem. Deus não nos dará obreiros se não prepararmos antes púlpitos em que eles preguem e altares em que ministrem.

Não basta, porém, que os que têm responsabilidade no governo da Igreja sejam possuídos de espírito missionário. É necessário que cada fiel cultive esse espírito missionário que não é outra coisa se não o sentido profundo, dominante, angustioso de que cada um de nós é responsável pela salvação dos amigos, dos seus companheiros de trabalho, enfim de todos com quem contacta no dia a dia da vida.

Cabe porém a nós que temos a missão do pastorado, orientar pela palavra e pelo exemplo, neste sentido, aqueles que nos estão confiados. Não me cansarei de repetir o que ouvi há três anos em Chambon: «O Ministro, ainda mais do que evangelizar, necessita de fazer de cada um dos seus fiéis um evangelizador consciente e preparado».

Ora para que a Igreja se constitua em «*missão total*», é indispensável que cada um de nós cresça em graça diante de Deus e dos homens; é necessário um aprofundamento da nossa piedade individual.

Não há nada de novo a dizer sobre o método desse «crescimento em graça»; é o velho método preconizado por todos os directores espirituais dignos desse nome, cuja eficácia está longamente provada. Podemos compará-lo a uma cadeia cíclica de quatro elos porque são interdependentes e indispensáveis: leitura diária da Bíblia, oração individual, regularidade na participação devota da Eucaristia e auto-disciplina.

Convenções, retiros espirituais, reuniões de avivamento, são certamente muito úteis; mas a nossa espiritualidade não pode viver dessas «terapêuticas de choque». O crescimento normal do espírito, como o do corpo, é progressivo e demorado e requer cuidados, esforços e restrições diários.

(Continua na pág. 7)

Antologia Devocional

Meditação sobre a redenção do homem

Por Sto. Anselmo, Arcebispo de Cantuária de 1099 a 1103.

O' alma cristã, alma ressuscitada de uma morte opressora... pergunta a ti própria onde e por virtude de quem foste salva...

Não há dúvida de que foi Jesus Cristo quem te ressuscitou. E' Ele o Bom Samaritano que tratou de ti, o Amigo benfeitor que pagou com a própria vida o teu resgate e libertação. A força que te salvou é a Sua força. Mas onde está essa força de Cristo? Ei-la: «Todo o poder está nas Suas mãos, ali se encontra e oculta a Sua força» (Hab. 3: 3). Ora bem, o poder está nas Suas mãos porque foram cravadas na cruz. Mas, onde está a força em tal debilidade, onde está a grandeza em tal humilhação, onde o respeito possível em tal abjecção? Há de certo algo de desconhecido, oculto, misterioso, nesta debilidade, nesta humilhação, nesta abjecção. Maravilhosa força oculta! O Homem suspenso na cruz salva a todo o género humano, oprimido por morte eterna! O Homem pregado na cruz despedaça as cordas que mantinham o Mundo em morte sem fim.

Maravilhoso poder desconhecido! O Homem condenado ao mesmo tempo que os criminosos, salva os homens, condenados ao mesmo tempo que os demónios.

O Homem perecendo no patíbulo todos atrai a Ele...

Por que foi, bom Mestre, meigo Redentor, Salvador que purifica, que ocultaste tal força em tão grande baixaza?...

Tomaste a natureza humana não com o fim de ocultares o que já sabíamos, mas sim para manifestares o que ignorávamos. Acontecimento misterioso, em si mesmo, que não ocultaste por prazer. Não se realizou para ficar oculto. Se pode chamar-se misterioso é só neste sentido, que não foi revelado a todos. Todavia se a verdade não

(Continua na pág. 11)

NOTAS E COMENTÁRIOS

Paulo Agostinho

III Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas

Aproxima-se a data desta Assembleia, que é já em Novembro próximo, a reunir-se na cidade de Nova Deli, onde estarão presentes os representantes de 178 igrejas, espalhadas pelo Mundo. Os problemas que ali vão ser tratados e discutidos interessam sobremaneira toda a Cristandade e, certamente, terão influência no seu procedimento futuro.

Em Portugal, o movimento ecuménico ainda não se faz sentir em todo o seu significado. Parece que tudo se passa longe, sem interesse para as igrejas evangélicas das plagas lusitanas, tão atrasada está ainda a sua evolução católica, em contraste com a sua mente individualista, e tão arreigada que tem sido difícil demovê-las dos seus velhos preconceitos.

Em todo o caso, nem sempre assim foi. Queremos aqui prestar a nossa justa homenagem aos pioneiros do ecumenismo português. Depois da primeira guerra mundial, em contacto com o movimento internacional ecuménico, que já se desenhava fortemente naqueles organismos «Fé e Constituição» e «Cristianismo Social», que vieram a conjugar-se em 1947 no presente Conselho Mundial de Igrejas, formou-se um Comité Nacional para tratar desses assuntos. Este Comité deve ser considerado como o precursor de um Conselho Nacional de Igrejas, a organizar ainda um dia em Portugal, e possivelmente num futuro próximo.

Foi presidente deste Comité o Rev.^{mo} Bispo-eleito, D. Joaquim dos Santos Figueiredo, e secretário, o infatigável Prof. Dr. Alfredo da Silva. Faziam parte também, entre outras individualidades de destaque no meio evangélico de então, os Revs. Santos e Silva, Frederico Flower e o consagrado obreiro Roberto Moreton, para apenas citarmos os principais.

O nosso País fazia-se sempre representar, e com assiduidade, nos diversos congressos e conferências, e o presidente do Comité Nacional, em Praga, em 1928, foi convidado para orador oficial no culto inaugural da Conferência ali realizada.

Depois do falecimento destes pioneiros, e com a formação do Conselho Mundial das Igrejas e o desinteresse de muitos pela nova feição que o ecumenismo ia tomando, perdemos o contacto que havia como movimento nacional, posição que estamos presentemente procurando retomar.

Não é demais repetir, e temos aqui neste mesmo lugar esclarecido várias vezes, que o C. M. I. se apresenta tão somente como elo de união entre as igrejas de Cristo espalhadas por todo o Mundo, aproximando-as, fazendo com que se compreendam umas às outras, lembrando-lhes de que todos os seus membros são filhos do mesmo Pai de amor e que, ao procurarem ser todos um em Cristo, devem cooperar juntos na resolução dos problemas que afligem a Cristandade, tão odiada, tão desmembrada na sua acção, na sua pureza, na sua missão. Deste conjunto de espírito e força dependerá o futuro da Humanidade. Para onde havemos nós de ir se a paz do Mundo

está em Cristo? Se n'Ele está, unicamente, a esperança do nosso Mundo?

O C. M. I. é isto mesmo: Boa vontade, União, Cooperação em Cristo Jesus, «Christus Victor». Não é de menhuma sorte uma «Super Igreja», e isto se tem afirmado bastas vezes com franqueza e verdade. Não é, nem o quer ser. Mas prepara-a? Podemos pensar que sim ou que não. Não o sabemos. Deus a este respeito encaminhará as coisas como for da Sua divina vontade, e quando chegar o dia e a hora, que só Ele determinará!

O Conselho Mundial das Igrejas tem objectivamente um trabalho a realizar para uma melhor compreensão mútua das diversas confissões cristãs.

Este organismo procura auxiliar os refugiados que se encontram por esse Mundo fora, sem lar, sem pão, sem protecção de ninguém, e igualmente as igrejas que se encontram em dificuldades morais e materiais. O esforço que se tem feito, tem sido enorme.

Ninguém ignora que é a obra do C. M. I. que tem servido de inspiração à evolução ecuménica da Cúria Romana, ultimamente manifestada, com surpresa para todos nós, acostumados como estávamos ao estaticismo desta Igreja. Sem dúvida, a excelente e boa acção do Papa João XXIII e o seu propósito de organizar um Concílio Ecuménico é inspirado na obra extraordinária do C. M. I. Roma tem-se feito representar nas Assembleias anteriores, ainda que a título particular. Espera-se que o faça igualmente na próxima Assembleia.

Que esta III Assembleia seja uma bênção para este pobre Mundo que se debate numa hora de angústia e sofrimento.

Um passo em frente . . .

Não deve ter passado despercebido aos membros da Igreja Lusitana, a notícia, na primeira página do n.º 35 do nosso Boletim, sobre a visita ao nosso País do Bispo Bayne Secretário Executivo da Comunhão Anglicana, para tratar com o Rev.^{mo} Dr. Luís Pereira, nosso Bispo-eleito, duma Concordata a estabelecer entre a Igreja Lusitana e a Igreja Episcopal dos E. U. A., e que o nosso Sinodo Geral vai considerar na próxima Reunião de 1 de Novembro.

Chamamos-lhe um passo em frente, e notável por sinal, na história da Igreja Lusitana, ainda que as relações da inter-comunhão nas diferentes Igrejas da Comunhão Anglicana e a nossa existissem, praticamente, desde a sua restauração em 1880. Quem escreve estas linhas, há alguns anos, sem maiores delongas e hesitações, por ser membro da Igreja Lusitana, foi aceite em plena comunhão pelo Bispo duma das Dioceses dos E. U. A. Mas uma coisa é a vantagem que se usufrue porque todos desejam com boa vontade compreender as circunstâncias dum estado «de facto», e outra é o direito estabelecido pela oficialização dum entendimento mútuo, em que ambas as partes acordam «de jure» num certo número de requisitos e disposições.

As duas Igrejas, a Americana e a Lusitana, (e o mesmo se deu com as Igrejas

Espanhola e Filipina, como foi dito na referida notícia) reconhecem nesta Concordata a Catholicidade e a independência da outra e mantêm a sua própria. Ambas se sentem dentro do mesmo Corpo místico de Cristo, na mesma Igreja histórica que vem dos tempos apostólicos e cujas bases estão bem claras no QUADRILÁTERO DE LAMBETH, síntese perfeita da Doutrina Católica e Apostólica.

Os princípios fundamentais da Fé Católica da Igreja primitiva, que transformaram nos primeiros séculos o mundo ocidental, empalideceram, todavia, através da Idade Média, perdendo assim acção dinâmica e a Igreja a sua pureza e a sua força primitivas. A Reforma do século XVI os agitou depois, imprimindo à Igreja novo ânimo evangelizador e novas esperanças. Foi, porém, a Igreja Anglicana, entre as Igrejas Reformadas, a única a conservar, numa concepção mais larga, estes princípios, os quais, em 1920, em Lambeth, concretizou e definiu no famoso QUADRILÁTERO.

A nossa Igreja, ainda que devendo muito, na sua restauração, aos ensinamentos da Igreja Anglicana, nunca foi, na verdade, uma missão desta Igreja e teve a sua origem, como se sabe, num movimento de libertação de Roma, dalguns padres e leigos católicos romanos. É uma Igreja independente, Nacional, Católica Reformada, tendo o Culto na sua própria língua e seguindo as tradições e costumes do País, governando-se a si própria por um Sinodo composto de clérigos e leigos, todos nacionais, agindo na mesma vocação dum sentido católico, dentro duma concepção larga do mundo cristão e com a compreensão segura e sem complexos de que unidade não é pura uniformidade.

Neste enunciado se cifra A BASE EVANGÉLICA, que assenta na autoridade das Escrituras, como suprema regra de Fé; os CREDOS DE NICEIA E DOS APÓSTÓLOS, como confissão e afirmação da Fé cristã; A INSTITUIÇÃO DOS SACRAMENTOS do Baptismo e da Eucaristia, como expressão duma vida total em Cristo e com Cristo; e O MINISTERIO APOSTÓLICO, reconhecido como possuindo não só a vocação da chamada do Espírito Santo, mas também o mandato apostólico e a autoridade de toda a Igreja.

A Igreja Lusitana, pequena comunidade que se ergue confiante, entre duas correntes, a Igreja dominante, exclusivista, intolerante, e os extremistas protestantes que, pelo menos no seu início, não a combatiam menos, vai fazer dentro em pouco um século de restaurada.

Conta já, em suas congregações, algumas gerações sucessivas de crentes. Teve dedicações extraordinárias de homens que deixaram o mundo e suas glórias para a servir, e que lhe deram todos os seus bens (Diogo Cassels, como exemplo) ficando pobres. E personalidades que, pelo seu valor pessoal, trabalho e confiança em Deus, lhe deram forma e consistência.

(Continua na pág. 12)

CALIFASIA — disciplina para todos

Rev. Cónego Eduardo Moreira

«A vossa conversação seja sempre agradável e sazoadada com sal, para que saibais como convém responder a cada um», assim exorta S. Paulo aos cristãos de Colossos (cap. 4:6). Há nesta exortação dois elementos com que contar: o «agrado» e o sazoadamento ou tempero; «com sal», diz a texto. No primeiro elemento já se não vislumbra alegoria de origem, sem algum trabalho; mas no segundo a alegoria é evidente: o sal como revelador ou activante do sabor.

E' dever de amor fraternal procurarmos o agrado daqueles com quem tratamos, o agrado a que os Portugueses chamam «simpatia», por extensão de sentido do termo grego. Mas convém usar o sazoadamento, para o «sabor exacto», isto é, a clareza e propriedade dos termos, a fim de evitar o «diálogo dos surdos» de que fala Huxley num dos seus romances, quando afirma que quem escuta a palavra alheia afinal escuta-se a si, por *filtrar* o que ouviu e o reduzir, sem dar por isso, à sua própria maneira de ver e de sentir.

O alimento sem sabor é como a frase inadequada, o termo equivoco, a expressão indecisa, que se sujeita por isso a juizos errados. E calarei aqui a referência a outros condimentos que modificam o sabor e são veneno subtil, como sucede na dialéctica tendenciosa e desleal.

Um termo novo surge agora entre nós, importado, como tantos outros, nem sempre com propriedade de sentido, o qual é justamente o estudo da propriedade de expressão: aquilo a que Rui Barbosa chamou «correccção vernacular, ou dominio da linguagem».

O termo novo entre nós, *califasia*, usa-se no Seminário de Carcavelos, ainda que estendendo-o àquilo a que preferimos chamar ortofonia, que encara a palavra como vocábulo a pronunciar claramente, na frase bem articulada. O neologismo tem «direito de cidade», porque é proveniente duma língua mãe, o grego, e corresponde a uma necessidade: a rebusca ou perseguição do termo que melhor corresponde às ideias a exprimir, e o esforço de o tornar, claro no sentido, a quem o ouve

ou lê. Dessa arte depende, em parte grande, a conveniente formulação do pensamento e a definição leal de princípios. A retórica, em meu juizo, procurou mais encantar pela música do vocábulo e a novidade estonteante da frase, do que convencer, criar consciência, pela exactidão do termo.

Uma Igreja firmada na autoridade própria escuda-se numa língua morta ao formular os seus dogmas, para obter assim a inalterabilidade deles; mas como vida é movimento, vale-se da retórica para corresponder a este. Uma Igreja que propugna a liberdade pessoal de exame das Escrituras — estas, sim, inalteráveis para ela — busca na língua viva, falada, a fórmula exacta do dia de hoje, (o «dia da salvação».) e vale-se para isso da história viva do termo actual.

Desejei em tempos, e até o sugeri às «Conferências em Prol da Igreja», que se estudasse entre nós o glossário cristão reformado. Não me foi dado perceber que o assunto despertasse verdadeiro interesse, com sentido de oportunidade: aquele interesse que amplia um desejo vago e pessoal, fazendo dele uma necessidade premente e colectiva.

Convenci-me que ainda estávamos um tanto na «fase poética» pela qual todos os movimentos passam, quando as palavras se tomam mais como vocábulos sonantes e de efeito emotivo do que como termos precisos, destinados a firmar opinião, aliás sempre sujeita a revisão semântica, mas ponto seguro de partida para essa opinião colectiva, esclarecida e conquistadora, por que almejamos.

Evidentemente há, em todos os tempos, mestres «califásicos», em cujo pensamento a propriedade de expressão é essencial. Porém quem a ouve recebê-la-á no seu genuino valor? Em Vila Nova de Gaia — lembram-se?, tanto nas CEPI como no Congresso da Igreja, quão boas mensagens nos apareceram! De duas me recordo, que me parece dever da Igreja remoçá-las e difundi-las: uma psicológica e outra jurídica. Isto contudo não destrói a minha afirmação. Necessitamos de entrar numa fase didáctica,

digamos assim, para maior rendimento da nossa vida em comum, do «espírito de equipa» de que já se fala bastante.

O poeta, honra lhe seja, sente e quer transmitir o que sente. Para isso lhe servem as palavras, mais pela sonoridade delas que pelo genuino sentido. Todavia o poeta apela à natural intuição que em todos nós existe. E para não trair a sua mensagem, pelo perigo que representa a pouca nitidez da ideia expressa, utiliza então o circunlório ou perífrase, o suposto sinónimo, a ilustração por meio de emblemas e alegorias, a efabulação pictorial, como quem pinta um quadro por palavras, e enfim o recurso às reminiscências de quem o escuta ou lê.

Não tendes ouvido gente simples acrescentar aos seus conceitos: «isto, mal comparado...» ou: «como o outro que diz...»? São testes ou exemplos da fase poética, pura.

E' costume popular dizer de alguém que por desgraça o mereça: «quer dizer amor, e não lhe chega a língua». Feliz expressão que a muitos se aplica, ilustra, se não define, um consagrado termo português, «afasia», isto é, a impossibilidade, que pode ser de ocasião, de encontrar-se o termo que exprima o pensamento a formular.

Lá está a mesma raiz grega de *califasia*, a virtude da língua que chega a «saber dizer amor»! Essa raiz encontra-se, no original do Novo Testamento, em Actos 21:31, no sentido de relato, aviso, notícia.

Dos meios ilustrativos de que acima falei usaram os Poetas de Israel: esse admirável David, esse espantoso Ezequiel, esse sobre-humano Isaías. Mas os Profetas desejaram e foi-lhes dada uma assistência divina, só limitada pelos meios humanos que tinham de utilizar: os ouvidos, que nem sempre eram — nem são — «ouvidos de ouvir», e a «letra» que, desacompanhada do Espírito, «mata», como ensinou nosso Senhor e Mestre.

Sempre função dupla do Espírito Santo foi inspirar o Texto, como é inspirar a sua compreensão. Que Ele nos acompanhe.

Veio tudo isto a propósito do tal desejo de encetar o exame de alguns elementos para um glossário cristão, oferecido à Igreja, isto é, a todos nós, como matéria de estudo.

Claro que se não segue, neste singelo começo dum ideário, a or-

dem alfabética, que num trabalho vasto, de consulta, se tornaria indispensável. Num pequeno artigo como é este, que só será seguido de outros se me convencer que aparece no momento oportuno, terei o cuidado de tornar, de entre tantos assuntos vindos à mente, aqueles que pareçam muito actuais, muito urgentes, muito aliciantes e «realísticos» como agora se costuma dizer.

Usarei a quase-sinonímia, creio que com alguma vantagem. Permitir-me-ei também, por vezes, se continuar o plano, utilizar definições alheias, por tê-las achado muito claras e belas, como a de Dietrich Bonhoeffer, o respeitável guia evangélico alemão, vítima do nazismo num campo de concentração, por causa do seu testemunho heroico. E' esta:

Cristianismo. «Significa: primeiro, que um cristão precisa dos outros cristãos, por causa de Jesus Cristo. Segundo, que um cristão se achega a outro somente através de Jesus Cristo. E, terceiro ponto, que em Jesus Cristo somos escolhidos desde a eternidade, aceitos no tempo e unidos para a eternidade». Profundo dizer!

Seguem agora outras definições, onde aparece a referida sinonímia aparente.

Louvar, orar, rezar, adorar.

Vivemos num mundo maravilhoso, de cujas belezas algumas conseguimos descobrir. Estamos na escola da admiração e do louvor. Quão poucos de nós e quão pouco aproveitamos o curso!

Louvar é manifestar a admiração máxima ao Criador de tanta beleza, bondade, harmonia e perfeição. E' buscar no nosso íntimo a energia moral que nos une a Um que é «a alegria da nossa alegria», nas palavras do Salmista. Procura-se Deus pelo caminho da Beleza, como John Ruskin, ou pelo da Bondade, como Leo Tolstoi — e tudo é louvar. Porque no íntimo do homem normal há o sopro de Deus. Por isso o homem ora, isto é, faz sair dos lábios, em som, os gemidos secretos do ser. Ora: comunica. E essa comunicação transcendente é confissão nas fraquezas, súplica nas dores, afirmação de fé nas lutas do espírito, que se resume e encerra na velha interjeição: Amem!

Os cristãos têm orado, através dos séculos, e muitos fixaram pela escrita as suas preces, que são ho-

je património precioso da Cristianidade. Outros as fixam na mente e as repetem; e umas e outras, fixas na memória ou no papel, ao repetirem-se são «rezadas», isto é, recitadas. Rezar vem do latim «recitare». A oração que Nosso Senhor nos ensinou, para a dizermos («dizei assim», foi a Sua ordem), recitamo-la, isto é, rezamo-la. O que é lamentável, senão risível, é o repeti-la numerosas vezes na mesma ocasião, como se fosse um castigo escolar, ou como uma forma mágica para adquirir benefício pela repetição abundante. Mas quantos o fazem com ânsia de alma, na sua ignorância! Como esses são credores da nossa simpatia!

Todos os cristãos oram e rezam. Rezam quando lêem, no papel ou na mente, onde as frases se este-reotipam como no papel, mesmo que não haja essa intenção. Se, de qualquer dos modos, as faculdades unidas, sentimento, raciocínio e vontade, não acompanharam o hábito, a oração não existe.

E adorar, que diferença faz de orar? Será a mesma que «admirar» faz de «mirar»? Mirar é olhar com insistência e atenção; e admirar é tomar consciência dos valores mirados. Talvez isto nos ajude a considerar a adoração como a totalização da atitude moral da oração. A súplica é uma oração; mas adoração é mais. Há nela uma como contemplação espiritual das virtudes divinas, transcendendo a preocupação das pequenezas da vida que se manifestam na prece do momento vivido.

Criar, imaginar, inventar.

Os críticos e os criticastros da era presente falam muito de «criar» e de «criação»; porém não é nada fácil provar que o homem jamais criasse alguma coisa. O que ele tem é sede de criar. Sem o saber ou o sentir, quer ele tomar à letra as palavras da Lei antiga, que o Senhor, de maneira irónica e em útil censura, repetiu: «vós sois deuses» (Salmo 82: 6; João 10: 34). E no esforço de colaboração inconsciente com o seu Criador, o homem imagina, inventa, adapta, reproduz. Só num sentido trópico ou figurativo eu posso entender a frase do Romano Pontífice, na sua nova encíclica «Mater et Magistra» (segundo versão dos periódicos) referindo-se ao «génio criador dos indivíduos». Eu diria: «o génio inventivo dos indivíduos».

Basta analisar muitas das manifestações da arte moderna para descobrir a ânsia de criação, por assim dizer abortada, em deformação, enxerto ou desalinho.

As obras primas de qualquer género buscaram na Natureza, física ou psíquica, a inspiração, sejam elas (excluo aqui as Escrituras Sagradas, ainda que em certo sentido as poderia citar) as tragédias, os monumentos e esculturas da Grécia, a Pintura da Renascença, a música da Reforma, contêm sempre «invenção» ou encontro de imagens e sons, concretização de sensações ou sentimentos.

Criar é gerar voluntária e conscientemente, com conhecimento antecipado do que irá surgir, e que está inédito. «Disse Deus: Haja luz. E houve luz». Ele, sim, criou.

Se por metáfora se pode usar o verbo acerca de algum acto humano, aceitá-lo-ia mais facilmente na «criação» dos filhos por suas mães, que propriamente os concebem e nutrem. São elas as melhores colaboradoras de Deus, tomadas por S. Paulo como alegoria da Igreja: «a qual é nossa Mãe». (Gal. 4: 26).

O cristão que desdenha ou esquece a maternidade da Igreja é ingrato e incoerente, pois deve a fixação da mensagem divina e o seu veículo universal ao esforço dela. O facto de sermos uma parte dela não exclui o dever de gratidão para com o todo. Também cada cidadão faz parte da Pátria, que é de pais e de filhos, contudo deve-lhe amor e dedicação.

Entretanto a Mãe Igreja nutre e não cria. Nutre com as forças que recebe de Deus, isto é, que recebemos, visto que somos, em conjunto, a Igreja, como noutra ocasião se poderá estudar.

Eduardo Moreira

NÃO SÓ PALAVRAS

Palavras sem obras são tiro sem bala; atroam mas não ferem. Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração são necessárias obras.

P. António Vieira

O Dízimo Cristão

Rev. Saul de Souse

Conta-se que, Erasmo Braga, astro de primeira grandeza do Protestantismo brasileiro, pregando, certa vez, um dos seus famosos sermões sobre a prática do dízimo, quase ao chegar à peroração, dissera: «Meus Irmãos, mas eu não concordo com o dízimo». E, ao falar assim, fez uma pausa intencional. Aquela frase proferida com a entoação que ele lhe dera e a respectiva suspensão era, ou parecia ser, a antítese de todo o seu sermão até ali pregado. Mas depois, prosseguindo, esclareceu: «Não concordo com o dízimo, porque o cristão deve ser mais do que dizimista»

Há, naturalmente, quem não concorde com a opinião acima expressa. Há mesmo quem objecte, dizendo que o dízimo pertence ao Antigo Pacto, à Dispensação da Lei; e que, portanto, se os cristãos não estão «debaixo da Lei mas debaixo da Graça», não têm «obrigação» de serem dizimistas, tanto mais que, acerca disso, o Novo Testamento é omisso...

Com todo o respeito por essa opinião, devemos dizer, todavia, que só uma análise muito superficial dos factos apresentados na Bíblia ou uma apressada exegese dos seus textos nos pode conduzir a essa conclusão a priori.

Muito antes do dízimo haver sido instituído, com carácter de obrigatoriedade, pelo menos 400 anos antes, já Abraão dava o seu dízimo (Gén. 14: 20; Heb. 7: 2). Tudo leva a crer que, se todos fizessem como Abraão, isto é, se dessem o dízimo voluntariamente, Deus não teria tornado obrigatória a sua prática, mais tarde. E, apesar da legalidade do dízimo, o que não é dado devota e voluntariamente, à semelhança de Abraão, não parece ter efeitos duradouros. Sabemos pelo profeta Malaquias que o povo fugia a esse dever, dever esse tão imperioso que, fugir a ele, era considerado «roubar a Deus» (Mal. 3: 7-9). E não obstante, é o que muitos de nós hoje estamos fazendo. O rico, porque faz contas ao que recebe e acha que dar a décima parte é demasiado; o pobre, porque recebe pouco, e se desse pouco

tirar o dízimo, ainda fica menos, e vai-lhe fazer falta... E todavia há uma promessa de bênção para todos os dizimistas (Mal. 3: 10).

E' evidente que «obrigação», na Igreja, não existe; desde o baptismo ao enterramento, tudo é voluntário, espontâneo, do coração. Mas perguntamos nós: por que razão é que quando se trata de privilégios, queremos ter os mesmos que os israelitas? — E' que nós também somos «filhos de Abraão», segundo a fé; fazemos parte do «Israel de Deus». Muito bem. Mas se somos «filhos de Abraão» e se fazemos parte do «Israel de Deus» no tocante aos privilégios, não será justo, também, que participemos das suas responsabilidades?

Nas doze tribos de Israel, havia uma que não tinha possessão terrena igual às outras; era a de Levi — a tribo sacerdotal. Esta servia no Templo.

Ora, uma vez que os levitas não possuíam terras, nem tinham outra ocupação sem ser a religiosa, eram sustentados pelos seus Irmãos, das outras tribos. Para isso lhes tinham eles concedido 48 cidades, para nelas habitarem, e uma facha de terreno em volta de cada uma delas, para que cada família levita tivesse a sua horta, o seu pomar; e, além disso, recebiam também o dízimo de todos os produtos e do gado do país inteiro (Lev. 27: 30; Num. 35: 1-8).

Era o dízimo que sustentava toda aquela gente, que se contava por centenas. E', pois, o dízimo um método por excelência de contribuição, método divino. Nós, porém, antes queremos bazares e quermesses. Pode ser muito interessante, mas não é a mesma coisa.

Além do dízimo legal, obrigatório, digamos, tinham ainda os israelitas outros métodos ocasionais de contribuição, todos relacionados com os sacrificios: Expiatório, e Pacífico ou de Acção de Graças. Às festas mais solenes do calendário israelita como a Páscoa, o Pentecostes e os Tabernáculos, ninguém devia aparecer «vazio», isto é, sem a sua oferta. (Ex. 23: 15; 34: 20; Deut. 16: 15, 17). Conforme a ocasião e o desenrolar

litúrgico daqueles dias, assim eram feitas ofertas alçadas ou voluntárias, de manjares e movidas (Ex. 25: 2; Sal. 96: 8; Prov. 3: 9, 10).

Notai a precisão de termos: «ofertas», não «esmolas». Não sabemos quem teria tido a infeliz ideia de introduzir na Igreja o termo «esmola» nas coisas que se dão a Deus ou para Seu Serviço. Deus não é mendigo para que careça das nossas esmolas; mas Soberano Rei e Senhor de toda a Terra. Quem teria a ousadia de dar esmola a um rei ou a um dos grandes da Terra? — Ninguém, por certo. E contudo há tanta gente que faz de Deus mendigo, ou procede com Ele como se o fosse. A Obra de Deus está a padecer necessidades. Faltam obreiros, porque faltam os recursos para os preparar e, quando preparados, escasseiam os recursos para os sustentar. E no entanto o Deus a Quem servimos não é pobre. Mas Ele só faz o que nós não podemos fazer.

Diz-se que nosso Senhor mandara os discípulos «sem bolsa nem alforge» (S. Luc. 10: 4). E' verdade. E pergunta-se: por que não fazem assim os pregadores de hoje? Respondemos que assim foi no começo. Mas depois, antes de terminar o Seu Ministério, o mesmo Senhor disse que «tomassem a bolsa e o alforge» (S. Luc. 22: 35). Que o sustento do ministério cristão é da responsabilidade dos fiéis, não resta a menor dúvida. (II Tim. 2: 4; I Cor. 9: 11, 13, 14). Gál. 6: 6).

Outro dia, um Amigo nosso, disse com muita graça: «A Igreja está composta por dizimistas e dizimadores». Os primeiros são os que oferecem tudo o que podem, incluindo a si mesmos, para Deus e Seu Serviço; os segundos, são os que estão sempre prontos a aproveitar as oportunidades para disfrutarem todos os benefícios materiais que a Igreja lhes possa proporcionar. A que número pertence, Prezado Leitor?

Alguém disse que quando uma pessoa se converte, abre-se a sua bolsa. Bolsa fechada é sinal de coração fechado, sinal de que se não ama até ao sacrifício. E vede quantos sacrificios é capaz de fazer uma pessoa pelo ideal que abraça!

Um dia, em certa estação balnear, estava um senhor, com fama de rico, a banhos. Afastando-se demasiado da praia, a breve trecho as ondas o envolveram e teria

(Continua na pág. 7)



Jesus Cristo — Luz do Mundo

É este o lema da III Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, que brevemente em Novembro, vai reunir em Nova Deli, com a representação de delegados de 178 igrejas, espalhadas pelo Mundo.

Este lema serviu também de título a uma brochura de 84 páginas (1), publicada em português, de óptima apresentação, excelente papel, com esquemas e fotografias sugestivas, contendo ainda 8 estudos bíblicos preparatórios, que servirão de base aos grupos de discussão a formar em todas as igrejas do Mundo.

Pretende-se que cada membro das igrejas, assista consciente e espiritualmente àquela Assembleia. Há toda a necessidade de que cada crente se interesse pelos problemas da hora presente, que ali vão ser discutidos, e que principalmente ore, incessantemente e com fervor pela direcção divina sobre todos os trabalhos. Essa será a sua primeira cooperação. Depois, deverá elucidar-se da forma como decorreram os trabalhos da Assembleia e os seus resultados, os quais serão publicados em várias línguas e, provavelmente, em português, também, como sucedeu com a brochura de que acima falámos. A seu tempo informaremos os nossos leitores acerca dessas publicações.

Na Assembleia que vai realizar-se, além da discussão dos problemas da Igreja e do Mundo presente, no que diz respeito à sua vida espiritual, eleger-se-ão os seus corpos directivos.

A brochura a que nos referimos dá uma indicação de como está organizado o C. M. T. e das secções respectivas em que o trabalho está dividido.

A seguir, em breves traços, daremos os nomes e cargos dos principais oradores que terão de

falar durante a III Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, no próximo mês de Novembro, em Nova Deli, Índia.

Gottfried Noth, Bispo da Igreja Evangélica Luterana.

Masao Takenaka, Professor de Ética Social Cristã na Universidade Doshisha, em Kyoto, Japão.

Josephe A. Sittler, Professor da Faculdade de Teologia da Universidade de Chicago, Estados Unidos.

Paul D. Devanandan, Pastor da Igreja do Sul da Índia, e um dos mais eminentes conhecedores cristãos da Ásia das Religiões não cristãs.

Temos também o prazer de transcrever um dos capítulos dessa esplêndida brochura intitulado: «O Movimento Começou nas Igrejas», para que o leitor possa fazer uma ideia da sua utilidade.

«O movimento ecuménico moderno começou como resposta a situações que as congregações locais estavam enfrentando. É hábito determinar o seu início com uma conferência — a grande conferência missionária de 1910, em Edimburgo — mas esta não surgiu porque alguém achou boa ideia ter uma reunião, mas porque através das missões e das igrejas corria grande inquietação e insegurança de espírito. No campo missionário a confusão criada pelas divisões da cristandade ocidental estava sendo perpetuada e as igrejas mais jovens estavam atarantadas. O progresso do Reino de Cristo estava sendo prejudicado por causa da falta de união no testemunho e na estratégia na execução da tarefa missionária. Acima de tudo, estava-se descobrindo que uma Igreja dividida não podia verdadeiramente testemunhar um único Senhor em face do mundo pagão.

Das fronteiras do campo missionário o desafio reverberou pelas

igrejas. Elas também estavam enfrentando problemas derivados de sua falta de união, não só problemas de rivalidade no vilarejo local, na cidade ou na metrópole, mas também na tarefa de enfrentar os novos problemas de novo século, problemas sociais surgidos das relações industriais, da urbanização, do desenvolvimento técnico, e problemas de paz e guerra. A preocupação mundial com as missões encontrou expressão na formação do Concílio Internacional de Missões. A preocupação mundial com a unidade encontrou sua expressão no movimento de Fé e Constituição e a preocupação pelos problemas sociais e políticos no movimento de Vida e Trabalho.

Em Amsterdão, em 1948, esses dois ramos se uniram para formar o Conselho Mundial de Igrejas. A partir de Amsterdão as correntes de vida e pensamento no movimento missionário e no Conselho Mundial de Igrejas têm-se aproximado e terão sua confluência em Deli. Como todos os grandes rios, não começaram assim. São alimentados por muitos tributários, alguns grandes outros pequenos — fontes de vida que jorram das congregações de pessoas cristãs em todo o Mundo. Um dos factos mais significativos desses últimos 14 anos é que novas igrejas que encontraram sua independência e autonomia, «as igrejas mais jovens» como às vezes as chamamos, têm, frequentemente, como um de seus primeiros actos independentes, procurado ser membros do Conselho Mundial. Algumas grandes igrejas que a princípio permaneciam distantes, ou não tinham liberdade para entrar em relações com o Conselho Mundial de Igrejas, começam agora a procurar fazê-lo. Na Assembleia «convénio» de Amsterdão, 145 igrejas, Ortodoxas, Católicas Antigas, Anglicanas e Protestantes criaram o Conselho Mundial de Igrejas. Hoje há 178 igrejas-membro.

Os primeiros seis anos da vida do Conselho foram período de rápido crescimento e novas aventuras. As igrejas que em Amsterdão haviam anunciado sua convicção de que Deus as havia reunido declararam, em Evanston, a sua resolução de permanecerem juntas. Ninguém pode prever de antemão quais as resoluções que serão tomadas em Nova Deli, mas de uma coisa podemos estar certos: os delegados reconhecerão com grati-

dão o que Deus tem proporcionado às igrejas através dessa comunidade e, ao penetrarem neste novo período, em resposta ao chamado de Deus para Unidade, o Testemunho e o Serviço, procurarão ser guiadas pelo Espírito Santo e buscarão a graça de seguir a Sua orientação. A seguir transcrevemos duas orações que devem ser proferidas por todos nós, especialmente na altura da III Assembleia, pedindo fervorosamente a bênção de Deus. (2).

O' Tu que és a luz das mentes que Te conhecem, a vida das almas que Te amam, e a força das vontades que Te servem, ajuda-nos a conhecer-Te de tal maneira que possamos verdadeiramente amar-Te; e amar-Te de tal modo que possamos integralmente servir-Te, a Ti, em cujo serviço está a perfeita liberdade. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

Amen.

Concede-nos, ó Senhor, que, como o pão repartido foi espalhado sobre as montanhas, e sendo de novo recolhido foi unificado, assim também possa a Tua Igreja ser reunida, de todas as partes da Terra, no Teu Reino; pois Tua é a glória e o poder, por Jesus Cristo, para todo sempre.

Amen.

(1) Esta brochura pode ser requisitada ao Ministro da paróquia, a que pertence ou pedida à Secretaria da Igreja Rua 1.ª de Maio, 54-2.ª - V. N. de Gaia, enviando 2800 para despesas do correio.

(2) Jesus Cristo Luz do Mundo pág. 1.

O Dízimo Cristão

(Continuação da pág. 5)

percido se não fosse a intervenção dum banheiro que ali estava. Já na praia, reanimado, após os primeiros exercícios, o nosso homem, quando soube a quem devia a vida, foi buscar a sua bolsa. Num gesto bastante teatral, tirou dela uma moeda de escudo e fez menção de a entregar ao banheiro, mais ou menos com estas palavras: «Tome isto, como preito de gratidão por me haver salvo a vida». Ao ver aquela prova de «gratidão», o banheiro sorriu com amargura e, irónicamente, disse: «Preocupe-me consigo, mas, em boa verdade, não deve valer mais do que um escudo». Parece inverosímil e ridículo o procedimento daquele homem para com aquele que o salvou da morte? E que dizer daqueles que colocam um tostão na bolsa das ofertas? Será o ofertório um peditório? Ou não será antes um acto sacrificial do povo de Deus, acto de dedicação, que faz parte integrante do Culto que Lhe devemos?

Dos macedónios diz o Apóstolo S. Paulo que «a si mesmos se deram, primeiramente ao Senhor, e,

O QUE NOS FALTA

(Continuação da pág. 1)

Costumava-se dantes acusar a Comunhão Romana de desconhecimento da Bíblia, mas receio que a maioria dos nossos fiéis esteja hoje tão pouco familiarizada com o Livro de Deus como os católicos romanos. Promover a leitura diária da Bíblia é lançar a semente do crescimento espiritual da Igreja. Importa porém ensinar a meditar no que se lê, de forma que a leitura se torne em estímulo de verdadeira oração, que não seja um mero e formal desfiar de pedidos.

E a acompanhar a devoção individual privada, é preciso que a Eucaristia seja colocada no centro da nossa vida devocional colectiva. Lembremos o que dizia o saudoso Arcebispo Gregg na sua homilia de Confirmação: «Quanto mais participamos da Sagrada Comunhão, mais preciosa se nos torna. E' um mistério, mas é a experiência de muitos».

Não pugnamos de modo algum por aquele tipo de piedade untuosa que o pietismo produziu em certas correntes da Reforma e que é a versão protestante da «beatice» romana, mistura em partes variáveis de fariseísmo e hipocrisia.

Anelamos por que os nossos fiéis sejam homens e mulheres *de Deus*, isto é, que lhe pertençam sem reservas, que havendo recebido o Baptismo do Espírito Santo na Confirmação, encheram-se do Espírito Santo e tornaram-se assim testemunhas entusiastas e eficientes de Cristo e da Sua Igreja.

L. R. Pereira

depois, a nós...» (II Cor. 8: 5). E falando de si mesmo, diz ainda S. Paulo: «Eu de muito boa vontade gastarei, e me deixarei gastar, pelas vossas almas...» (II Cor. 2: 15). Isto, não há dúvida, é mais do que os 10% do dízimo tradicional! Sim, porque o dízimo é apenas uma parte, e bastante limitada por sinal, daquilo que em teologia pastoral modernamente se chama «MORDOMIA CRISTÃ», que abrange: vida, saúde, tempo, talentos e bens. Ensina essa doutrina que somos mordomos, dispenseiros (não donos) do que Deus nos dá, e que por fim teremos de prestar contas pela maneira como usámos os dons que nos foram confiados. Assim, aquilo a que indevidamente chamamos «nosso», não o é de facto; apenas

Calendário da Igreja

NOVEMBRO

- 1 — Dia de Todos os Santos. Liv. O. pg. 271. Cor lit.: Branca.
- 5 — 23.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 227. Cor lit.: Verde.
- 12 — 24.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 229. Cor lit.: Verde.
- 19 — 25.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 127. Cor lit.: Verde.
- 26 — Dom. Anterior ao Advento. Liv. O. pg. 231. Cor lit.: Verde.
- 30 — Dia de St.º André, Apóstolo. Liv. O. pg. 233. Cor lit.: Encarnada.

DEZEMBRO

- 3 — 1.º Dom. do Advento. Liv. O. pg. 102 Cor lit.: Roxa.
- 10 — 2.º Dom. do Advento. Liv. O. pg. 105 Cor lit.: Roxa.
- 17 — 3.º Dom. do Advento. Liv. O. pg. 107. Cor lit.: Roxa.
- 21 — Dia de S. Tomé, Apóstolo. Liv. O. pg. 234. Cor lit.: Encarnada.
- 24 — 4.º Dom. do Advento. Liv. O. pg. 108. Cor lit.: Roxa de manhã, e à tarde Branca.
- 25 — Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo — Festa do Natal. Liv. O. pg. 110. Cor lit.: Branca.
- 26 — Dia de Sto. Estevão. Cor lit.: Encarnada.
- 27 — Dia de S. João Evangelista. Cor lit.: Branca.
- 28 — Dia dos Inocentes. Liv. O. pg. 239. Cor lit.: Encarnada.
- 31 — Dom. depois do Natal. Liv. O. pg. 131. Cor lit.: Branca.

nos é confiado por algum tempo e daremos contas pela nossa administração. E se é certo que teremos de prestar contas por tudo quanto nos foi confiado, quanto mais pela parte que já não nos pertence por determinação divina? Deus dá-nos nove décimos para usarmos em responsabilidade perante Ele; mas a décima parte, esse mínimo, pertence Lhe. Dizemos mínimo, porque aqueles que estão sob a Craça não deviam permitir-se de contribuir menos do que os que estavam sob a Lei. Se eles davam por obrigação, demos nós por devoção, demos conforme a medida do nosso coração, conforme a nossa prosperidade (II Cor. 9: 7; I Cor. 16: 2). A isso chamo eu «o dízimo cristão».

Saul de Sousa

O 18.º Congresso Internacional Velho - Católico

Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral

A Comunhão velho-católica, de que fazem parte Igrejas da Holanda, Suíça, Alemanha, Áustria, Polónia e Iugoslávia reuniram no seu 18.º Congresso Internacional na Cidade de Haarlem, Holanda, de 21 a 25 de Setembro findo. Estavam representadas as Igrejas Ortodoxa e Anglicana. Em resposta a um convite dirigido ao nosso Bispo-eleito, por S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo de Utrecht, coube-me a honra de ali fazer representar também a Igreja Lusitana. Foi-me grata a missão. Pude observar uma diferente maneira de viver a fé comum; dei a conhecer pormenores acerca na nossa querida Igreja; estabeleci novos e úteis contactos com elementos influentes nas comunidades ali representadas; depuz perante a Conferência dos Rev.ª Bispos velho-católicos acerca da nossa história, doutrina e prática e, na sessão solene de encerramento do Congresso, fui convidado a falar, produzindo aí o pequeno discurso que segue:

— *Excelentíssimo Presidente do 18.º Congresso Internacional velho-católico*

— *Excelentíssimo e Reverendíssimo Arcebispo de Utrecht*

— *Excelentíssimos e Rev.ª Arcebispos e Bispos*

— *Irmãos no Sagrado Presbiterato*

Senhoras e Senhores

Não é a primeira vez que a Igreja Lusitana se faz representar em Congresso Velho-Católico.

Lorde Plumket, Arcebispo de Dublin, um notável prelado irlandês do século passado, perante quem todos nos encontramos em grande dívida, teve a oportunidade de falar aos vossos maiores em nome dos Velho-Católicos de Portugal. Creio que isto aconteceu no vosso 3.º ou 4.º Congresso.

Posteriormente, um presbítero nosso, que fez o seu melhor para aproximar a Igreja Lusitana do velho-catolicismo da Europa Central, assistiu a outro Congresso, mas não oficialmente.

Desde então, muitos anos passaram. Por particulares razões históricas, não se estabeleceram mais contactos entre nós, e, ficando completamente separada da vossa influência, a minha Igreja, com as suas dez Paróquias e cinco estações missionárias, cresceu com características próprias.

Os «Padres portugueses» não quiseram criar uma Igreja nova, e muito menos uma Igreja protestante; como muito claramente afirmaram no prefácio do Livro de Oração Comum Português, eles pretenderam confrontar a prevalecente religião peninsular, papal e mariana, com um catolicismo obviamente cristocêntrico, portador de toda a frescura da verdade evangélica. As felizes relações que mantivemos com a Igreja Irlandesa, através da qual temos recebido as nossas ordens, deixaram as suas marcas. Eu diria que a Igreja Lusitana, Católica, Apostólica, Evangélica — este é o seu título — sendo historicamente, por «raison d'être», uma Igreja velho-católica, à primeira vista lembrar-vos-á uma igreja anglicana. Por honestidade, sou forçado a dizer-vos que o clero e o povo por mim aqui representados se não sentem inteiramente satisfeitos com esta circunstância.

Contudo, a Igreja Lusitana não é, e muito firmemente repudia ser julgada como qualquer coisa parecida com uma seita protestante quase anglicana. Isto seria uma aberração, uma contradição nos termos. Justiça tem de ser feita aos Bispos irlandeses, americanos e ingleses: sempre que vieram a Portugal, a pedido do nosso Sinodo, para realizar funções episcopais, ex-

pressamente demonstraram actuar na sua capacidade individual de Bispos, afirmando cuidadosamente, por todos os meios, a completa independência da Igreja.

Sentimos nos dias de hoje a consciência imperativa de que uma parte verdadeira da Igreja Católica não pode viver na plenitude da herança apostólica sem comunhão de facto com o resto fiel da Igreja Católica.

Assim, a Igreja Lusitana procura estabelecer concordatas formais com aquelas outras igrejas que, como ela, se esforçam por manter «quod ubique, quod semper, quod ab omnibus creditum est», para usar uma expressão que vos é familiar e a mim é querida.

Tenho a honra de ser o primeiro presbítero português que oficialmente participa num Congresso vosso, em resposta a amável convite dirigido ao Bispo-eleito da Igreja Lusitana, por Sua Graça o Senhor Arcebispo de Utrecht. Em nome do meu Bispo e do meu Sinodo, agradeço a Vossa Graça esse convite e a boa-vontade nele expressa, e apresento-vos, como a todo este Congresso as fraternais saudações da Igreja Lusitana. Como representante do meu ordinário e da Comissão Permanente do nosso Sinodo posso dizer-vos que, tal como somos, desejamos estabelecer com a Comunhão velho-católica aquelas relações que julgamos dever existir entre as fieis igrejas católicas de Cristo.

Minha Mulher e eu regressamos a Portugal com grande dívida pela espontânea e distinta hospitalidade que recebemos de todos Vós.

Espero que esta ocasião se mostre frutífera em felizes consequências para as nossas igrejas.

Deus, Espírito Santo, nos guie no serviço de Cristo, Senhor, a fim de que possamos crescer em devoção pessoal para com Ele e de que o Seu Evangelho seja pregado sem medo ao Mundo.

«Ai de mim se não pregar o Evangelho».

Daniel de Pina Cabral

O Retorno do Diácono da Igreja Primitiva

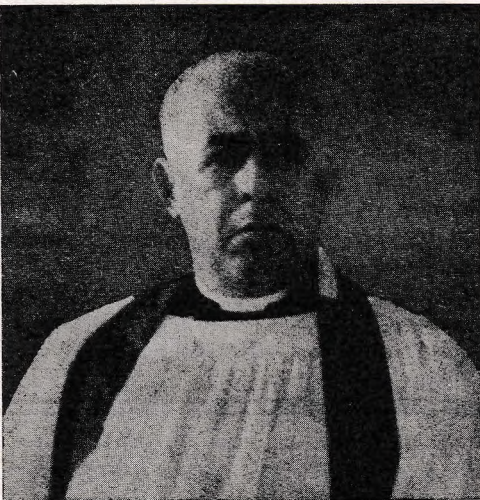
Rev. Dr. Octacilio M. da Costa

O presente número do Despertar tem a honra de inserir nas suas colunas um artigo escrito pelo Rev. Dr. Octacilio M. da Costa, já bem conhecido dos nossos leitores, e enviado ao nosso jornal para publicação (1).

Este mesmo assunto foi recentemente tratado no nosso Sínodo. E' certo que esta ideia, em alguns países já realidade, dum diaconato perpétuo, não foi bem compreendida pelos membros da nossa assembleia sinodal talvez por não terem sido esclarecidos nem na forma em que deve ser posta em acção, nem no objectivo altamente evangelizador que se propõe alcançar.

O excelente e oportuno artigo do Rev. Dr. Octacilio, distinto colaborador, que acedeu generosamente a ser também o representante do nosso jornal junto dos nossos Irmãos brasileiros, é uma achega que esperamos possa agitar esta ideia bem evangélica e ajudar-nos a compreender e a discutir este problema eclesiológico de tão flagrante actualidade. N. R.

No «Estandarte Cristão», da Igreja Episcopal Brasileira, de Junho do ano fluente, deparei com um artigo do Deão Sória, sob o título «Minis-



tério Auxiliar — Uma Experiência», em que afirma ter sido tratado na Conferência de Lambeth, em 1930, o conferimento de ordens sacras a leigos como Ministros auxiliares, que continuarão exercendo actividades civis para a sua manutenção, pois exercerão o sagrado ministério honorificamente, nada recebendo da Igreja. Diz ainda o culto articulista que nas Igrejas de Hong-Kong, India, Paquistão, Burna e Ceilão o número de clérigos auxiliares é igual ao dos de tempo integral.

Acabo de ler também o livro de Josef Hornef, magistrado alemão e guia católico romano de nomeada, denominado «Voltará o Diácono da Igreja Primitiva?», publicado pela Editora Vozes, com o «imprimatur» do Rev.^m D. Manuel Pedro da Cunha Sintra, Bispo Católico Romano de Petrópolis, E. do Rio, Brasil.

Há um grande movimento de

âmbito mundial, entre as denominações de sucessão apostólica, visando o retorno do Diaconato, nos moldes da Igreja Primitiva, como uma instituição eclesiástica própria. Actualmente o Diaconato é apenas uma fase de transição para o Presbiterato, tanto na Igreja Católica Romana como nas outras Episcopais. No início da Igreja Cristã o Diaconato constituía um ministério autónomo. Infelizmente isto não ocorre em nossos dias, em muitas denominações cristãs. Ao participarmos da ordenação de alguém que recebe a autoridade para exercer o sagrado Ministério de Diácono na Igreja de Deus, temos a impressão que o Bispo ordena um dos continuadores das funções exercidas por Estêvão, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timon e Nicolau, isto é, para um ministério por toda a vida. Não quero, de forma alguma, que pensem que sou contrário ao Diaconato, como uma fase de estágio para o Presbiterato, especialmente para aqueles que se preparam, devidamente, e sentem-se chamados por Deus para o sacerdócio. Entretanto penso, como muitos outros, que o Diaconato deve ser, também, um Ministério autónomo, pois a função principal do Diácono é servir, para que o Presbítero se dedique inteiramente a oração e ao ministério da Palavra. O Presbítero, tendo a coadjuvação de Diáconos, poderá dedicar-se com mais afinco ao serviço religioso, à evangelização, à pregação e à administração dos Sacramentos.

Os que forem escolhidos para o Diaconato devem ter uma vocação própria para este ministério cristão. Duas são as classes de Diáconos com que sonham inúmeros líderes católicos romanos — os au-

xiliares e os de tempo integral, podendo ser ordenados, também, os casados. Os auxiliares exercerão seu ministério sem ônus para a Igreja, continuando a viver de suas actividades civis, colocando as horas disponíveis, principalmente os domingos, ao Serviço de Deus. Os de tempo integral dependerão economicamente da Igreja e terão de facto uma actividade mais árdua e exaustiva.

Em vista do número reduzido de clérigos, há necessidade urgente, não só para os católicos romanos mas, também, para todos os episcopalianos, do retorno ao Diácono da Igreja Primitiva, como ordem própria.

Diz Josef Hornef: «Na comunidade, será o Diácono o coração e o centro de todos os empreendimentos caritativos».

O Diácono auxiliar terá, ainda, acesso a lugares vedados aos demais Ministros de Deus, podendo exercer sua influência cristã entre os seus colegas de actividade e de trabalho no mundo civil.

Colaboração importantíssima poderia prestar o Diácono auxiliar nas Capelas, Missões e mesmo em Paróquias, em que o número de membros arrolados é relativamente pequeno, não comportando um clérigo de tempo integral. Novas congregações poderão ser organizadas em lugares diversos e distantes. Presbíteros, designados pelo Bispo, poderiam ser os párocos dessas congregações, visitando-as periodicamente, a fim de orientá-las e celebrar a SS. Eucaristia aos fiéis. Talvez esteja aí o meio para a nossa Igreja crescer e conquistar mais almas para Cristo.

O Diácono auxiliar segundo Hornef e outros, deverá ter o devido preparo teológico, homilético, litúrgico, pedagógico, bem como o de assistente social.

Os que aspiram ao Diaconato auxiliar precisam de ser instruídos pelo seu Pároco ou por quem o Bispo da Diocese determinar, não devendo exigir-se destes o mesmo preparo teórico e prático dos de tempo integral.

Os Diáconos auxiliares, caso venham a ser instituídos canonicamente, ficarão sob a jurisdição do Bispo Diocesano e só serão ordenados após prestarem exames perante os Capelães Examinadores e serem recomendados pelo Conselho Diocesano.

(Continua na pág. 10)

Publicações

Religiosas

Brasileiras

Temo-nos referido várias vezes à escassez de uma literatura religiosa e séria em língua portuguesa, literatura de que o nosso público, especialmente a nossa esperançosa juventude, ávida de aprofundar os seus conhecimentos, tanto necessita.

A «PUBLICADORA ECCLESIA» (Porto Alegre-Brasil) está iniciando magnificamente essa literatura. Estão já impressos excelentes livros de doutrina, história da igreja, organização eclesiástica, etc. alguns dos quais já mereceram justamente referências elogiosas do nosso boletim (1). Sem dúvida, estes livros devem estar na estante dos membros da Igreja Lusitana, de todos aqueles que desejarem instruir-se e esclarecer-se sobre os pontos doutrinários da sua Igreja e sobre a Fé que professam.

Pela simpatia e boa vontade para com a Igreja Lusitana, manifestada por esta firma editora, tão intimamente ligada à Igreja Episcopal Brasileira, as suas edições encontram-se agora, felizmente, disponíveis em Portugal e podem ser adquiridas facilmente. Basta que qualquer pessoa se dirija à Secretaria da Igreja Lusitana, Rua 1.º de Maio, 54-2.º — V. N. de Gaia, aberta todos os dias úteis, ou à Livraria Alegria, Rua da Prata, 156, Lisboa. Pelo correio e à cobrança mais 2\$50.

A primeira remessa que recebemos é pequena. Certamente seguir-se-ão outras de maneira a poder satisfazer todos os pedidos. Querendo-os sem demora é conveniente, pois, fazer o seu pedido o mais depressa possível.

Eis os livros à vossa disposição:

«A IGREJA EPISCOPAL NO PAÍS DO FUTURO». (1961). 187 pgs. *Pastoral dos Bispos e teses apresentadas por ocasião do I Congresso da Igreja Episcopal Brasileira, realizado em Porto Alegre, de 18 a 24 de Julho de 1960. Estes trabalhos magníficos dão uma perspectiva clara da doutrina e obra da I. E. B. e quanto poder e valor possui na*

evangelização daquele grande país, esperança do Mundo de amanhã 30\$00

«KINSOLVING», de Ivo (1961). 80 pgs. *As biografias de homens que lutaram e realizaram uma obra são exemplos ricos para as gerações que os seguem. O Bispo Kinsolving foi um pioneiro na evangelização do Brasil. Esta biografia é feita por um dos seus contemporâneos e por isso testemunha ocular da maioria dos factos ali narrados.* 15\$00

«COMO ORGANIZAR O TRABALHO FEMININO EM SUA PARÓQUIA» (1957). 55 pgs. *Pequena brochura que trata da organização do trabalho das Sociedades de Senhoras, útil em todas as paróquias.* 5\$00

«MANUAL DO SODALÍCIO DO ALTAR, por Edith Weir Perry. (1955). 79 pgs. *Livro indispensável ao grupo de senhoras que exercem o sagrado mister de zeladoras da boa ordem no Santuário, visto este trabalho ser uma devoção particularmente feminina.* 5\$00

«PONTOS PARA CONFIRMANDOS», pequeno folheto de 49 pgs. *útil para todos os que desejam preparar-se para a Confirmação.* 2\$50

«NUMA ERA DE INQUIETAÇÃO» de Egmont M. Krischke, Bispo do Brasil Meridional (1956). 143 pgs. *Livro da hora presente em que os problemas actuais são vistos através a concepção espiritual cristã, terminando pela vitória, assegurada pela promessa divina.* 20\$00

«A ESTRUTURA DA FÉ» de Egmont M. Krischke, Bispo do Brasil Meridional, 2.ª edição. (1957). 143 pgs. *Livro que trata dos princípios básicos da Fé Cristã, de Deus, da Pessoa e Missão de Cristo, do Espírito Santo, da Igreja e seu Ministério, dos Sacramentos, da Remissão dos pecados e da Eternidade.* 15\$00

«REDENÇÃO E REVELAÇÃO» de Robert C. Dentan. Tradução e adaptação de Isau Correia Maraschin. (1960). 240 pgs. *Série de estudos baseados no Livro de Robert C. Dentan, da série «O Ensino da Igreja». «As Santas Escrituras»* 25\$00

«ADORAÇÃO E VIDA» de Massey H. Shepherd Jr. Tradução de Paulo Dallfollo. (1957). 233 pgs. *Livro excelente para quem quiser esclarecer-se e instruir-se sobre assuntos litúrgicos e sobre o Livro de Oração Comum.* 30\$00

«A FÉ QUE PROFESSAMOS» de James A. Pike e W. Norsan Pittenger. Tradução de Pirson Glénio Vergara dos Santos. (1960). 238 pgs. *Este livro expõe, com fidelidade e clareza, as grandes doutrinas ensinadas pela nossa Comunhão Religiosa. Examina e desenvolve todos os Artigos da Fé, conforme os Credos no-los apresentam* 30\$00

«MEDITAÇÕES» de Althalício Pithan (1961). 155 pgs. *Livro de profunda espiritualidade que deve estar à cabeceira de todos os que trabalham e sofrem.* 25\$00

(1) O Despertar — N.º 35

O Retorno do Diácono da Igreja Primitiva

(Continuação da pág. 9)

Os Diáconos, além de assistir aos Presbíteros nos Ofícios Divinos, poderiam ser designados pelo Bispo Diocesano para directores e provedores de estabelecimentos pios e educacionais.

Temos que convir que a nossa Igreja é uma das que conta com uma grande escassez de clérigos, viria, portanto, a beneficiar grandemente, se adotasse oficialmente um cânone, permitindo a ordenação de leigos consagrados, responsáveis e experimentados, como Diáconos auxiliares, a exemplo da Igreja Primitiva.

Octacilio M. da Costa

(1) Ao compor-se este artigo tivemos ocasião de o vermos também publicado no «Estandarte Cristão» pelo que se verifica, com prazer, a importância da sua divulgação. N. R.

Publicações

Religiosas

Brasileiras

Temo-nos referido várias vezes à escassez de uma literatura religiosa e séria em língua portuguesa, literatura de que o nosso público, especialmente a nossa esperançosa juventude, ávida de aprofundar os seus conhecimentos, tanto necessita.

A «PUBLICADORA ECCLESIA» (Porto Alegre-Brasil) está iniciando magnificamente essa literatura. Estão já impressos excelentes livros de doutrina, história da igreja, organização eclesiástica, etc. alguns dos quais já mereceram justamente referências elogiosas do nosso boletim (1). Sem dúvida, estes livros devem estar na estante dos membros da Igreja Lusitana, de todos aqueles que desejarem instruir-se e esclarecer-se sobre os pontos doutrinários da sua Igreja e sobre a Fé que professam.

Pela simpatia e boa vontade para com a Igreja Lusitana, manifestada por esta firma editora, tão intimamente ligada à Igreja Episcopal Brasileira, as suas edições encontram-se agora, felizmente, disponíveis em Portugal e podem ser adquiridas facilmente. Basta que qualquer pessoa se dirija à Secretaria da Igreja Lusitana, Rua 1.º de Maio, 54-2.º — V. N. de Gaia, aberta todos os dias úteis, ou à Livraria Alegria, Rua da Prata, 156, Lisboa. Pelo correio e à cobrança mais 2\$50.

A primeira remessa que recebemos é pequena. Certamente seguir-se-ão outras de maneira a poder satisfazer todos os pedidos. Querendo-os sem demora é conveniente, pois, fazer o seu pedido o mais depressa possível.

Eis os livros à vossa disposição:

«A IGREJA EPISCOPAL NO PAÍS DO FUTURO». (1961). 187 pgs. *Pastoral dos Bispos e teses apresentadas por ocasião do I Congresso da Igreja Episcopal Brasileira, realizado em Porto Alegre, de 18 a 24 de Julho de 1960. Estes trabalhos magníficos dão uma perspectiva clara da doutrina e obra da I. E. B. e quanto poder e valor possui na*

evangelização daquele grande país, esperança do Mundo de amanhã 30\$00

«KINSOLVING», de Ivo (1961). 80 pgs. *As biografias de homens que lutaram e realizaram uma obra são exemplos ricos para as gerações que os seguem. O Bispo Kinsolving foi um pioneiro na evangelização do Brasil. Esta biografia é feita por um dos seus contemporâneos e por isso testemunha ocular da maioria dos factos ali narrados.* 15\$00

«COMO ORGANIZAR O TRABALHO FEMININO EM SUA PARÓQUIA» (1957). 55 pgs. *Pequena brochura que trata da organização do trabalho das Sociedades de Senhoras, útil em todas as paróquias.* 5\$00

«MANUAL DO SODALÍCIO DO ALTAR, por Edith Weir Perry. (1955). 79 pgs. *Livro indispensável ao grupo de senhoras que exercem o sagrado mister de zeladoras da boa ordem no Santuário, visto este trabalho ser uma devoção particularmente feminina.* 5\$00

«PONTOS PARA CONFIRMANDOS», pequeno folheto de 49 pgs. *útil para todos os que desejam preparar-se para a Confirmação.* 2\$50

«NUMA ERA DE INQUIETAÇÃO» de Egmont M. Krischke, Bispo do Brasil Meridional (1956). 143 pgs. *Livro da hora presente em que os problemas actuais são vistos através a concepção espiritual cristã, terminando pela vitória, assegurada pela promessa divina.* 20\$00

«A ESTRUTURA DA FÉ» de Egmont M. Krischke, Bispo do Brasil Meridional, 2.ª edição. (1957). 143 pgs. *Livro que trata dos princípios básicos da Fé Cristã, de Deus, da Pessoa e Missão de Cristo, do Espírito Santo, da Igreja e seu Ministério, dos Sacramentos, da Remissão dos pecados e da Eternidade.* 15\$00

«REDENÇÃO E REVELAÇÃO» de Robert C. Dentan. Tradução e adaptação de Isau Correia Maraschin. (1960). 240 pgs. *Série de estudos baseados no Livro de Robert C. Dentan, da série «O Ensino da Igreja». «As Santas Escrituras»* 25\$00

«ADORAÇÃO E VIDA» de Massey H. Shepherd Jr. Tradução de Paulo Dallfollo. (1957). 233 pgs. *Livro excelente para quem quiser esclarecer-se e instruir-se sobre assuntos litúrgicos e sobre o Livro de Oração Comum.* 30\$00

«A FÉ QUE PROFESSAMOS» de James A. Pike e W. Norsan Pittenger. Tradução de Pirson Glénio Vergara dos Santos. (1960). 238 pgs. *Este livro expõe, com fidelidade e clareza, as grandes doutrinas ensinadas pela nossa Comunhão Religiosa. Examina e desenvolve todos os Artigos da Fé, conforme os Credos no-los apresentam* 30\$00

«MEDITAÇÕES» de Althalicio Pithan (1961). 155 pgs. *Livro de profunda espiritualidade que deve estar à cabeceira de todos os que trabalham e sofrem.* 25\$00

(1) O Despertar — N.º 36

O Retorno do Diácono da Igreja Primitiva

(Continuação da pág. 9)

Os Diáconos, além de assistir aos Presbíteros nos Ofícios Divinos, poderiam ser designados pelo Bispo Diocesano para directores e provedores de estabelecimentos pios e educacionais.

Temos que convir que a nossa Igreja é uma das que conta com uma grande escassez de clérigos, viria, portanto, a beneficiar grandemente, se adotasse oficialmente um cânone, permitindo a ordenação de leigos consagrados, responsáveis e experimentados, como Diáconos auxiliares, a exemplo da Igreja Primitiva.

Octacilio M. da Costa

(1) Ao compor-se este artigo tivemos ocasião de o vermos também publicado no «Estandarte Cristão» pelo que se verifica, com prazer, a importância da sua divulgação. N. R.

PELA IGREJA

Notícias de Inglaterra

A Entronização do Arcebispo de Iorque

No dia 13 de Setembro findo, foi entronizado na Sua Igreja Catedral de S. Pedro de Iorque («Yorkminster») o Novo Arcebispo de Iorque, Primaz de Inglaterra, Dr. Donald Coggan. Assistiram ao grandioso serviço o Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral e sua Mulher. Aquele membro do nosso clero participou no serviço, em representação da Igreja Lusitana e por expresso desejo de sua Graça, que, dessa forma, mais uma vez quis demonstrar o afectuoso carinho que nos dedica.

Em número próximo publicaremos uma descrição desta cerimónia da autoria daquele presbítero.

Notícias do Brasil

Uma carta do Bispo D. Salomão Ferraz

Recebemos uma carta deste antistite, em que nos relata o convite que lhe foi feito por uma das paróquias de S. Paulo da I. E. B., e nos envia o sermão ali pregado, «O Mar já não é» (Apoc. 21: 1), que foi publicado por inteiro em um dos grandes jornais diários dessa cidade. Só a falta de espaço nos impede de inserirmos hoje este belo sermão, em que se sente a entusiástica esperança de ver superados os mares do egoísmo, da ignorância, da superstição e da incompreensão, mares estes de velhas malquerenças e amarguras.

Agradecemos do coração as palavras amáveis que envia ao nosso Boletim, referindo-se à «elevação dos seus conceitos e ao tom humano do seu noticiário». Igualmente agradecemos as felicitações que enviou ao Rev.º Dr. Luís Pereira, pela sua recente eleição ao Episcopado, e à Igreja Lusitana que está verificando «que os seus ideais primitivos não eram uma miragem enganosa, mas a grande realidade para que caminha a passos largos o mundo cristão de nossos dias».

Que Deus guarde sua Rev.ª Bispo D. Salomão Ferraz por muitos anos em pleno vigor do seu brilhante pensamento são os votos sinceros do Despertar.

Notícias de Portugal

Mais um avanço ecuménico entre nós

Em resposta à carta que foi enviada pela Comissão Redactora do 1.º Instituto Teológico, reunido no Seminário de Carcavelos de 12 a 17 de Junho p. p., aos Sínodos das Igrejas em Portugal, sobre uma maior aproximação e colaboração entre estas, aproximamos informar que a Comissão Permanente do nosso Sínodo delegou no seu secretário para as relações ecuménicas, Dr. Leopoldo de Figueiredo, a iniciativa de a representar nas conversações a acordar entre os representantes das referidas Confissões Evangélicas.

Paróquia de S. Mateus
Vila Franca de Xira

Festa das Colheitas

No domingo, dia 15 do corrente, teve lugar na Igreja de S. Mateus a tradicional Festa das Colheitas. A esta Festa de Gratidão assistiram muitos fiéis e visitantes. O

Templo estava primorosamente engalanado. Havia grande profusão de víveres, artisticamente dispostos em frente do Altar, os quais, pela colecta do Ofertório foram consagrados a Deus, sendo distribuídos pelos pobres no dia seguinte. A convite do Pároco, pregou o Sermão do dia o Seminarista Nelson P. Horta, da Igreja Metodista.

Também no dia 19, na Capela de S. Tomé (Castanheira do Ribatejo) teve lugar a Festa das Colheitas, decorrendo tudo com elevação e dignidade. Pregou o Pároco. Bem hajam todos quantos sentem por experiência própria o que significam as palavras de nosso Senhor Jesus Cristo: «Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber».

IV Acampamento Rio Tejo

Nos dias 2 e 3 de Setembro, patrocinado pela Câmara Municipal desta Vila, realizou o Núcleo Campistas Sentinela, departamento da Igreja de S. Mateus, o seu IV Acampamento Rio Tejo.

A semelhança dos anos anteriores, este acampamento constituiu um êxito, tanto no capítulo de organização, como no de presenças.

Estiveram presentes 418 campistas, instalados em 209 tendas, em representação de 30 colectividades.

A noite no Fogo de campo, o Rev.º Bispo-Eleito Dr. Luís Pereira, agradeceu a presença de todos os campistas, rogando em seguida, a bênção e a paz de Deus, para o resto do Acampamento.

Paróquia de Cristo Remidor
Alcácer do Sal

Construção do Templo

Começaram já as obras de edificação do Templo de Alcácer do Sal. Esta decisão constituiu um acto de fé. Não se tendo ainda obtido o total necessário para a sua construção, mas apenas 2/3, juntando a importância desta subscrição a um fundo especial do Sínodo, destinado a edificação, resolveu-se, todavia, que as obras fossem iniciadas.

Convém lembrar que se a obra não terminar dentro do prazo estabelecido, se o seu acabamento ficar para mais tarde, o seu custo será muito mais oneroso. Por isso afirmamos que a presente obra é um acto de fé. A fé em Deus que nos inspirou e que de igual modo tocará no coração de cada membro, para que vibre em uníssono com a chama divina. Confiamos, pois, nos membros da Igreja que certamente não deixarão de nos auxiliar com o máximo das suas possibilidades.

Leitor Amigo, principalmente se és membro comungante da Igreja Lusitana, abre o teu coração e a tua bolsa, atende às necessidades prementes da nossa Igreja, que cada vez mais está tomando responsabilidades na cristianização da nossa Pátria, Igreja que, respeitando as tradições e costumes simples do nosso Povo, quer criar em cada cidadão uma consciência das suas responsabilidades, perante Deus, perante o País e para consigo própria.

Nunca o Mundo precisou tanto duma Comunidade verdadeiramente cristã, nos pensamentos, nas palavras e nas acções.

«Este Mundo honra-Me com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim». Creiamos em Deus e actuemos como Seus filhos. Ama, pois, a tua Igreja, levando-lhe alguma coisa das bênçãos que Deus te concedeu. E colherás os frutos cem por um.

Transporte	89.911\$00
Seminário Teológico Presbiteriano de Carcavelos — (Professores, Alunos e pessoal)	918\$00
Membro da Paróquia de S. João Evangelista	120\$00
Forest Wimbish (U. S. \$350.00)	10.048\$50
Vera Pennington e outros membros da Paróquia de St. Michael and All Angels — Baltimore — U. S. A. (U. S. \$36.00)	1 030\$50
Mrs. W. R. Wimbish. (£ 3. 10. 3).	281\$00
Acção Social da Igreja de Dorolev, Hallington (Inglaterra) (£ 3. 10).	280\$50
Total	102.489\$60

Os donativos devem ser enviados ao Rev.º Bispo D. António F. Fiandor. (Torre) V. N. de Gaia, ou à Redacção deste Boletim Calçada das Lages, 6 - Lisboa.

Notas e Comentários

(Continuação da pag. 2)

Graças a Deus pelo que somos. E hoje a Igreja Lusitana, reconhecida oficialmente pelas Igrejas Irmãs da comunhão Anglicana, sente dentro em si reanimar-se um novo ardor, na convicção do seu lugar no evangelismo do povo português. A Concordata com a Igreja Americana marca pois um passo em frente!

Um gesto compreensível e simpático...

Ainda há pouco relatámos uma reunião em Taizé entre Bispos católicos romanos e pastores da Igreja Reformada de França, como exemplo de que, mesmo divergindo em suas convicções e tendo razões de agravo de que de ambos os lados se queixam, os homens podem olhar para um futuro de melhor colaboração e entendimento. Não pregou Cristo uma doutrina de Amor e Perdão? Por que esquecemos que somos todos filhos do mesmo Pai, nós, de várias confissões, que «confessamos» seguir a sua doutrina? Devemos defender certas interpretações e formas de culto, por que não? E por que não também dentro duma larga Igreja, tolerante, bondosa Mãe, que poderia unir todas estas divergências por pontos de contacto que não seria difícil de encontrar!

Hoje queremos-nos referir ao gesto compreensível e simpático duma das paróquias de S. Paulo, da Santíssima Trindade, da Igreja Episcopal Brasileira, que convidou a falar no seu templo o Bispo D. Salomão Ferraz, hoje católico-romano. Ainda que ele nunca negasse e pelo contrário desse sempre ênfase ao tesouro inestimável que recebera através da sua evolução entre as Igrejas Reformadas a que pertencera, este convite, mesmo assim, há meia dúzia de anos, a um prelado de Roma, seria considerado impossível. Bem haja aquela paróquia pelo seu gesto.

Paulo Agostinho